

VIII Encontro Nacional de Estudos do Consumo  
IV Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo  
II Encontro Latino-Americano de Estudos do Consumo  
Comida e alimentação na sociedade contemporânea  
9,10 e 11 de novembro de 2016  
Universidade Federal Fluminense em Niterói/RJ

Comida de Pet: Comensalidade Interespécie

Juliana Abonizio<sup>1</sup>

Eveline Baptistella<sup>2</sup>

Resumo:

Nesta comunicação, propomos uma reflexão sobre as relações entre animais humanos e não-humanos a partir da articulação entre afeto e consumo, investigando como estes elementos contribuem para a delimitação da figura do animal como pessoa. Dentre os tipos de consumo que perpassam e constroem a relação entre tutor e pet, destacamos a comida como uma dimensão que, simultaneamente, aproxima e afasta as espécies. A fim de desvendar os sentidos do consumo da comida produzida e ofertada para animais de estimação que, cada vez mais, se parece com a humana, em termos nutricionais e em valores estéticos, analisamos dezenas de embalagens e publicidade de rações, petiscos, biscoitos e patês, além de observação em padarias especializadas em caninos e as polêmicas nas redes sociais envolvendo a decisão de melhor alimentar o seu pet. O estudo da alimentação do ponto de vista cultural tem abordado os animais não humanos, na maioria das vezes, tão somente quando são transformados em produtos para alimentação humana. No entanto, assistimos a transformação da alimentação dos animais que convivem com humanos a partir de vários elementos sociais, econômicos e culturais que trazem à tona a necessidade de analisar os símbolos e sentidos ocultos na comida ofertada aos pets.

Palavras-chave: consumo; comida; pet

---

<sup>1</sup> Juliana Abonizio, Pós doutorada no Instituto de C. Sociais da Universidade de Lisboa, Professora e pesquisadora da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. [abonizio.juliana@gmail.com](mailto:abonizio.juliana@gmail.com)

<sup>2</sup> Eveline Baptistella, Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea – Universidade Federal de Mato Grosso, Professora e pesquisadora da Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat. [evelineteixeira@unemat.br](mailto:evelineteixeira@unemat.br)

## 1 – Introdução

A convivência interespecífica é uma constante no planeta, no entanto, o modo como homens e animais tem convivido ao longo do tempo vem sofrendo inúmeras transformações, sejam motivadas por nossas descobertas científicas, por uma renovação das sensibilidades ou por redefinições do que se concebe como humanidade e animalidade.

Muitas das relações contemporâneas entre humanos e animais são mediadas por afeto, em especial ao que se refere a um animal designado não por suas características intrínsecas, mas pelo lugar que passa a ocupar no coração dos humanos com os quais convivem. O animal que se encontra na posição de *pet* não outra função além de ser estimado e conviver com seus tutores. Mais que um animal de companhia, o *pet* é alguém a quem se tem devoção e a ele se dispensam tempo e dinheiro e, assim, cria-se um mercado bastante específico, competitivo e em franca expansão, destinado aos seus tutores. No caso deste trabalho, voltamos nossa atenção exclusivamente ao nicho do mercado voltado à alimentação dos que se encontram sob a categoria *pet*.

Desse modo, propomos uma reflexão sobre as relações entre animais e humanos a partir da articulação entre afeto e consumo, investigando como estes elementos contribuem para a delimitação da figura do animal como pessoa, muitas vezes considerada membro da família, que recebe um tratamento diferente daquele dispensado a outros animais. Dentre os tipos de consumo que perpassam e constroem a relação entre tutor e *pet*, destacamos a comida como uma dimensão que, simultaneamente, aproxima e afasta as espécies.

Enquanto estratégia de construção de dados empíricos, analisamos a publicidade de comidas para animais e casas do ramo; já do ponto de vista teórico-metodológico, construímos uma reflexão interdisciplinar embasada nos preceitos da sociologia da vida cotidiana, estudos do consumo, etologia cognitiva, estudos animais e antropologia.

Considerando a presença do animal de estimação nos lares humanos e o próprio sentimento que separa esses animais de outros animais - notadamente a estima de seus tutores para com eles -, começamos a nos questionar sobre o local ocupado pelos animais, supondo-o mutável, na vida cotidiana, que pode, simultaneamente, reproduzir determinadas estruturas sociais e colocar outras em xeque, uma vez que o cotidiano é território de monotonia e repetição e também sujeito às rupturas.

Recentemente, assistimos a transformação da atribuição de status aos animais baseada nas descobertas da etologia cognitiva e da neurociência e as mudanças na esfera do direito que redimensionam os animais, inserindo-os na esfera moral, normatizando os comportamentos dos humanos para com eles. Ferry (2009) aponta a mudança de rumo, avaliando uma onda de ressurgimento do sentimento de compaixão pelos seres naturais que estenderia a consideração e o direito ao bem-estar inclusive a elementos outrora vistos apenas como “recursos”, entre eles as plantas. “Pode bem acontecer, com efeito, que a separação do homem e da

natureza, que conduziu o humanismo moderno a atribuir apenas ao primeiro a qualidade de pessoa moral e jurídicas, tenha sido apenas um parêntese, em vias de ser reformar”. (FERRY, 2009, p.19).

Tais alterações, sem dúvida, reverberam na vida de todo dia, que constitui o *locus* através do qual nos dedicamos a compreender a relação entre tutores e *pets* mediada pelo consumo alimentar. A sociologia da vida cotidiana traz elementos importantes para esta análise, uma vez que tem um caráter eminentemente qualitativo e utiliza a subjetividade como matéria prima para compreender como as pessoas agem e porque o fazem do modo que fazem, sabendo, contudo, que os comportamentos não podem ser separáveis dos contextos de interação em que são produzidos, o que torna necessário rever a noção de contexto e tentar conjugar as mútuas influências entre contextos vivenciais e contextos sociológicos a fim de entender o cotidiano como significante flutuante do real-social, ou, como diz Pais: “ver a sociedade a nível dos indivíduos e ver como a sociedade se traduz na vida deles”. (2003, p.18).

Segundo Pais (2003), a proposta de estranhar o que se tornou usual é um ponto de partida para a interrogação sociológica. Nesta medida, este referencial nos ajuda a questionar e refletir sobre as relações de afeto entre humanos e seus animais de estimação e como estes sentimentos se manifestam a partir de atos prosaicos, como a aquisição de um produto ou serviço para o bicho de estimação, inserindo-se aí a ação rotineira de alimentar-se.

Quais sentimentos se camuflam no interior da compra de um petisco? Que tipo de relação familiar interespecies é estabelecida no momento em que se escolhe esta ou aquela dieta para o animal a quem se dedica o afeto? Quais emoções presentes neste relacionamento são mediadas pelo consumo?

A identificação do cotidiano com a rotina tem igualmente arrastado a sua identificação com esferas da vida social consideradas alienatórias, como as do consumo e da vida privada. Ora bem, não se pode negar que a vida cotidiana tenha uma certa afinidade com o consumo. O consumo-desgaste *sensu stricto* tem efectivamente lugar no marco da vida cotidiana. Contudo, nem sempre os consumidores terão uma atitude passiva, e portanto alienada, perante os objectos consumidos; nem, por outro lado, é aceitável a conceptualização da vida cotidiana a partir da quotidianeidade consumista. (Pais, 1986, p16).

Os estudos de consumo têm demonstrado uma importância da ação de consumo - que já foi um fenómeno negligenciado por várias tradições sociológicas - na constituição de identidade, na construção de cidadania, na veiculação de opções éticas, no fortalecimento de laços por meio do pertencimento estético, na atribuição de sentido ao mundo e consideramos que, através da ótica do consumo, será possível desvendar a relação afetiva entre tutor e *pet* e a resignificação dos estatutos de animalidade e humanidade, noções frequentemente irrefletidas que escapam à decisão de pensamento, mas que podem ser percebidas nas relações que os humanos estabelecem com seus animais estimados.

A ideia do animal de estimação como motor do consumo pode suscitar duas reflexões bastante distintas. Por um lado, ao se pensar que um bicho leva seu tutor a consumir, é possível verificar a agência do animal, que

interfere na vida do humano com quem convive. Por outro viés, o fato de ser o dono que faz as escolhas de consumo do *pet* não reforçaria a posição subalterna do animal? Os referenciais dos estudos animais e da etologia cognitiva ajudam a compreender esse movimento de reexame das fronteiras entre espécies, uma vez que trabalham justamente com uma perspectiva que desloca o animal da periferia da pesquisa, passando de ferramentas para sujeitos da produção do conhecimento. Este trabalho também utilizou algumas entrevistas realizadas no contexto de uma pesquisa maior desenvolvida pelo grupo de pesquisa ao qual as autoras pertencem.

Para fins de apresentação, dividimos este trabalho em três partes. Na primeira, refletimos acerca da domesticação das espécies ao longo do tempo destacando a convivência com cães e gatos, espécies que mais usualmente entraram na categoria que chamamos *pet* e detivemo-nos, principalmente no modo como a alimentação foi importante para o estabelecimento dessa relação. Descrever os contornos dessa categoria e suas implicações na cultura hodierna também é objetivo desta primeira parte. Já a segunda, contém uma reflexão sobre comida do ponto de vista cultural, utilizando antropologia e sociologia da alimentação e as abordagens contemporâneas dos estudos de consumo, refletindo como o consumo pode mediar e legitimar relações de afeto, no caso, interespecie. A última parte contém a análise da publicidade da comida para animais de estimação e isso nos possibilitou ver como a sociedade contemporânea instaura um tipo de comensalidade interespecífica diferente da vivenciada em outros momentos históricos e, apontando para as conclusões, discutimos como tal comensalidade, simultaneamente, afasta e aproxima animais humanos e não-humanos através das práticas de consumo.

## 2- Domesticação de cães e gatos e o fenômeno Pet

A biodiversidade vive sob ameaça em todo o Planeta. Fenômenos como a acidificação dos oceanos e o aquecimento global devem comprometer, a médio prazo, as condições de existência da maior parte das formas de vida animal que habitam hoje a Terra. (KOLBERT, 2015). Na geologia, já é aceito o uso do termo Antropoceno para designar a época atual, uma nomenclatura que deixa clara a influência da ação humana sobre a natureza. Se antes, os grandes vetores de transformação geológica eram naturais, hoje é o homem o principal responsável pelas mudanças. Na biologia, foi cunhado outro termo, pois, conforme Wilson (2006), a extinção de espécies vai derivar numa Idade em que a raça humana se encontrará praticamente isolada:

Até o final deste século, esse surto de perdas permanentes deve atingir, se não for controlado, um nível comparável ao do final da Era Mesozóica. Entraremos então em uma era que tanto os poetas como os cientistas talvez queiram chamar de Era Eremozóica ou Idade da Solidão. (WILSON, 2006, p. 79).

Se a tendência a colocar o bem-estar humano em primeiro lugar faz com que estejamos entrando na sexta extinção em massa (KOLBERT, 2015), existe um tipo de animal que parece viver um momento diametralmente oposto, ganhando uma proteção cada vez maior: ele não é definido por filo, classe ou ordem,

sua conformação física não faz diferença, ele pode ter patas ou nadadeiras, pelos ou plumas, até mesmo escamas. O que garante a este bicho um lugar especial numa sociedade cada vez mais hostil é o elo que foi capaz de estabelecer com um determinado humano, ou seja, se ele é ou não estimado. Ser amado por um humano é uma condição que esconde contradições, mas oferece um grau de conforto e segurança que poucas espécies desfrutam.

Para estes bichos, está se popularizando um termo especial: *pet*. É uma categoria que já foi até mesmo classificada pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. “São animais criados para o convívio com os seres humanos por razões afetivas, gerando uma relação benéfica.” (BRASIL, 2012).

Dentre estes espécimes, notadamente dois conseguiram um espaço maior no círculo familiar humano: os cães e gatos. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE mostram que hoje, de cada 100 famílias brasileiras apenas 36 têm crianças enquanto que 44 criam pelo menos um cachorro (RITTO; ALVARENGA, 2015, p. 71). Somente no Brasil, são 52 milhões de caninos e 22,1 milhões de felinos tutelados por humanos. Para Pais (2006), seu grau de inserção social é tão grande que estão passando por um processo de antropomorfização e chegam até mesmo a colocar seus tutores em uma situação de subserviência:

Hoje, eles desfrutam de uma alargada rede de benefícios que, de vez em quando, retribuem com uma abanadela de cauda ou uma lambuzadela de língua. Esta inversão de prêmios expressa-se na passagem de uma *domesticidade* (comensalista) a uma *familiaridade* (protecionista) em que o animal doméstico passou à condição de convidado permanente. Os animais que outrora estavam ao serviço dos donos passaram a beneficiar dos serviços que estes lhes prestam, inclusivamente, quando, de modo servil, lhes recolhem as matérias fecais evacuadas na rua. (PAIS, 2006, p. 283).

Mais do que hospédes, estes bichos ganharam o posto de filhos - pelo menos é assim que a maioria dos tutores referem-se a eles, chegando a casos em que afirmam que o amor ofertado pelos animais de estimação é de qualidade superior inclusive à daquele que recebem de humanos (BAPTISTELLA, 2015). Não por acaso, o Governo Federal criou uma câmara setorial voltada apenas para o mercado *Pet*, que congrega diversos tipos de fornecedores de insumos para animais de estimação. Um segmento que vai das necessárias vacinas a supérfluos como coleiras incrustadas e roupinhas combinando com às dos tutores. Segundo a Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação, o Brasil possui hoje 132,3 milhões de *pets* formando um segmento que movimentou R\$ 18 bilhões apenas 2015. (ABINPET, 2016, p.1).

Os extremos a que esse tipo de consumo pode chegar foram imortalizados em um vídeo da Revista Veja Rio que mostrava a rotina da cadela Bebel Brito Guida<sup>3</sup>, uma maltesa que tem coleções de laços, roupas, gargantilhas, óculos de sol. Sua dona, Luzia Brito, afirma que prefere gastar dinheiro com a cachorra a gastá-lo consigo mesma e vai além, declarando que ela pode repetir vestidos, mas Bebel não. A cada festa das “aumiguinhas”, a filha de quatro patas usa um modelo novo, feito por uma costureira especializada. Em

---

<sup>3</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=CoWSXCpRzSA>

uma entrevista realizada durante esta pesquisa, uma tutora de três felinos detalhou os gastos com brinquedos, que chegavam a alguns milhares de reais. Apenas um dos cinco arranhadores que tinha em casa havia custado em torno de R\$ 900. Uma ressalva curiosa é que ela contou que se aborrecia quando seus filhos humanos quebravam brinquedos na época em que eram crianças. No caso dos gatos, ela declara que se sente feliz ao ver os equipamentos destruídos, pois é um sinal que os bichanos estão se divertindo.

Como duas espécies tão diferentes do ser humano alcançaram um posto tão privilegiado na vida familiar contemporânea? Segundo Hobgood-Oster (2014), há evidências que remontam à convivência harmônica entre homens e proto-cachorros até a última Era do Gelo, que teve início há 26.500 anos. Registros históricos mostram que a parceria entre estas duas espécies aconteceu ao mesmo tempo e em lugares diversos do globo, de forma que é difícil acreditar que este processo de domesticação tenha ocorrido primeiramente em uma comunidade e posteriormente tenha sido transferido para outros agrupamentos. (HOBGOOD-OSTER, 2014). Apesar de lobos e humanos representarem ameaças uns aos outros, estes dois animais acabaram reunindo motivos para se unirem e ambos encontraram vantagens na vida em conjunto. Os lobos mais predispostos a socializar com outras espécies se beneficiariam do excedente alimentar dos agrupamentos humanos e, em troca, teriam oferecido apoio para localizar e acuar presas, bem como se tornaram um sistema de segurança rudimentar, ao sinalizarem a aproximação de estranhos por meio de latidos. (HARE, WOODS, 2012).

Para Hare e Woods (2012), os cães não foram domesticados pelos humanos. Pelo contrário, eles aprenderam a se comunicar com as pessoas e estabeleceram padrões de comportamento interessantes para ambos. Neste ponto de vista, teria sido a própria seleção natural que privilegiou o desenvolvimento de cães cada vez mais amistosos ao homem. Esta teoria faz sentido quando pensamos que os cães vicejaram enquanto os seus ancestrais, os lobos, foram praticamente dizimados em todo o planeta.

A tese da autodomesticação também é aceita para os gatos, mas os termos da sua cooperação com humanos ainda são nebulosos. A proliferação dos ratos no entorno das comunidades humanas é aceita como um componente fundamental dessa aproximação, mas não o único.

É quase certo que, no caso, esses camundongos atraíram os gatos. Mas as montanhas de lixo nos arredores das cidades provavelmente também foram um grande atrativo, fornecendo recursos o ano inteiro para os felinos que tivessem a esperteza de explorá-los. Essas duas fontes de alimento teriam incentivado os gatos a se adaptarem à vida junto aos homens; usando o jargão da biologia evolucionária, a seleção natural favoreceu os gatos que foram capazes de coabitar com os homens e assim ganharem acesso ao lixo e aos camundongos. (DRISCOLL, 2016, p.1).

Se os gatos não ajudavam na caça, em compensação, eliminavam uma das maiores ameaças a nascente prática de estocar alimentos: os ratos. Assim, em ambos os casos, as raízes desta relação repousam especialmente na comida, uma instância que também delinea os tipos de laços estabelecidos e é usada, muitas vezes, como declaração de afetividade, uma vez que oferecer um alimento considerado “bom” para o animal de estimação é uma maneira de mostrar o cuidado e o carinho a que se tem para com o animal.

### 3 - Consumo, comida e afeto

Para Pollan (2007), os onívoros passam por um dilema ao escolher sua alimentação. Os humanos seriam poupados desse dilema, pois contavam com a cultura que auxiliava a decisão de consumo alimentar. Contudo, atualmente, o autor afirma que os humanos atualizaram a experiência de viver esse dilema diante da imensa oferta de produtos e da ignorância de seus ingredientes. No caso dos animais de estimação, são os tutores que passam pelo dilema dos seus animais, impedindo que estes passem sozinhos pela experiência que seria própria da sua espécie. O tutor passa por duas escolhas: a decisão de escolher como se alimentar diante de uma pluralidade, que por vezes gera antagonismos, de crenças nutricionais e a decisão de como alimentar seu animal. Ambas as decisões seriam geridas pelos mesmos princípios? Quais critérios falariam mais alto: a nutrição? A funcionalidade? A estética? O gosto?

Para Romanelli (2006), estudar objetos que envolvem a cozinha é importante por trazer a reflexão sobre a relação entre o natural e o cultural, sendo o ato de se alimentar situado entre ambas as dimensões, a isso acrescentamos a alimentação *pet*, pois os animais, na convivência com humanos, fazem parte da cultura e esta atua sobre seus corpos, de forma que a alimentação desses animais não pode ser vista estritamente como biológica. Aquilo que comemos tem mais sentido simbólico que determinações biológicas e mesmo os “bens que servem às necessidades físicas – comida ou bebida – não são menos portadores de significado do que a dança ou a poesia.” (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2009, p.120). Diante disso, podemos refletir sobre os significados simbólicos das cores e formatos das rações felinas e caninas? Qual o significado de cozinhar para o *pet* ou oferecer-lhe somente produtos industrializados? A forma de osso dos biscoitos realmente importa? Para quem?

Com essas indagações, passamos a refletir sobre aspectos da cultura alimentar da contemporaneidade e percebemos que os *pets*, inseridos nas casas e camas dos seus donos, encontraram também um lugar à mesa e, dessa forma, sua alimentação tem seguindo alguns imperativos da alimentação humana, que destacamos: a) a entrada no universo *light e diet*; b) a gourmetização; c) a dieta eticamente orientada.

### 4- Comida de bicho: funcionais, gourmet e moralmente orientados

Levando em conta questões meramente fisiológicas, Jorge (2014) lembra que os cães fazem parte da ordem mamífera carnívora, mas sua dieta é bastante variada: o consumo exclusivo de carne não é uma regra, pelo contrário, muitos integrantes deste grupo taxonômico comem também frutas e outros tipos de vegetais. Inclusive, não há consenso científico sobre o tipo de alimento que lhes seria mais adequado. Carciofi (2006) afirma que os cães precisam de altos níveis proteicos em suas dietas – mínimo de 18% para adultos e 22%

para filhotes – no entanto, eles são considerados onívoros por muitos e ainda há debates sobre qual tipo de proteína seria mais adequado a eles: animal ou vegetal.

Conforme Sahd (2015, p.91), tanto a dieta de rações industrializadas quanto uma dieta natural com alimentos caseiros podem trazer efeitos adversos para a saúde dos cães. A primeira pode provocar cálculo renal e contém compostos cancerígenos enquanto a segunda pode levar à obesidade e tem risco aumentado de deterioração e contaminação. Além disso, as necessidades nutricionais de cada raça variam e “as rações secas desenvolvidas por cientistas contam com uma enorme gama de vitaminas sintéticas calculadas com base nos critérios específicos de raça, porte e idade dos peludos.” (SAHD, 2015, p.92).

Para os donos, ficaria o peso de escolher qual alternativa considera mais segura para o seu ente querido, levando em conta, talvez, o que lhe faria menos mal, já que todas as opções oferecem riscos. Soma-se a esta questão o fato de que homens e cães são biologicamente diferentes:

O próprio Conselho Federal de medicina Veterinária costuma se posicionar contra a prática da alimentação caseira, porque uma alimentação balanceada para cães (carnívoros, com tendências onívoras) não é o mesmo que uma alimentação balanceada para nós (completamente onívoros). (SAHD, 2015, p.92).

No entanto, não são apenas as necessidades ou conformações biológicas que entram nesta análise. Voltamos então à questão do gosto como fator da decisão de consumo. O que o animal gosta – e o dono também – deve ser consumido, mas, deve ser consumido principalmente aquilo que ele necessita. Neste caso, em específico, o gosto é inferior à necessidade como fator de decisão. Mas, em se tratando de consumo humano, o gosto – aquilo que não se discute – é fator preponderante e revelador de autonomia, uma vez que, como diz Campbell (2006), ninguém pode mudar o gosto de alguém através de argumentos racionais e o consumo contemporâneo volta-se cada vez menos para a satisfação de necessidades e cada vez mais para satisfação de vontades. Aos cães e gatos devem ser dados aquilo que eles gostam, aquilo que eles precisam ou aquilo que não contraria a ética de seus tutores?

É o dono ou tutor quem paga as contas e quem decide pelo consumo de seu animal, consumo aqui pensado não no sentido de aquisição mercadológica. Em suma: o cão ou gato – para citar apenas as espécies que mais frequentemente ocupam a categoria *pet* - não decidem o que comem, é o dono quem o faz e, portanto, é sobre ele que recai a responsabilidade pelo consumo correto ou nocivo daqueles que muitos costumam afirmar que tratam como filhos de quatro patas.

#### 4.1- Alimentos funcionais, *light*, *diet* e orgânicos

No estudo feito por Digard (1999), vemos que os animais tem um estatuto familiar que, segundo o autor, caracteriza o atual sistema domesticatório. Com esse estatuto, os animais de estimação são submetidos a um tratamento maternal, visto pelo autor como uma forma feminina de adestramento através do afeto que se

manifesta em uma hipernutrição desses animais, dentre outros cuidados, que podem inclusive lhes ser nocivos. Para Ingold (2000), a “filhotização” dos animais manifesta essa maternagem referente aos cuidados, cada vez mais ampliados, em termos de recursos e técnicas e mais humanizados.

Não muito diferente do que acontece com crianças que se alimentam mal, a culpa é de quem carrega a carteira e é – ou deveria ser – a autoridade na compra e na decisão de consumo dos menores tutelados. Com cães e gatos a situação se repete: é o dono ou tutor o responsável pela alimentação adequada e deve, tanto quanto no caso dos humanos menores estimados, – consultar os especialistas, sejam eles, neste caso, os veterinários ou os fabricantes de ração. Além das rações especiais, vemos crescer a prática de cozinhar para os filhos e filhotes. Ambos, crianças e bichos, devem ser alimentados por uma comida mais natural, caseira, sem conservantes, tendência que se manifesta através de “uma indústria de rápido florescimento de livros de receitas para cães e gatos”. (KULIK, 2009, p.500)

Tal qual se cresce a obesidade humana e a infantil, cresce a obesidade dos *pets* e para Kulik (2009), a obesidade pode ser interpretada como uma dissolução da fronteira entre espécies. O autor ressalta que os casos de obesidade de animais de estimação tornaram-se um problema social. No entanto, as estatísticas, bastante alarmantes, veiculadas pela mídia podem ocultar razões econômicas que aqueceram o mercado dirigido ao pet usando de dois argumentos fundamentais: razões científicas, ainda que duvidosas, e as novas sensibilidades emergentes:

A principal razão pela qual as estatísticas variam tanto é que seu pedigree científico é vago; e a razão para isto é que todas as estatísticas sobre a obesidade de animais de estimação derivam de estudos patrocinados ou conduzidos pela indústria de alimentos para animais de estimação. Ora, essa indústria é uma invenção razoavelmente recente. Ela não existia até o final da segunda metade do século XIX. (KULIK, 2009, p.486).

Segundo Kulik, James Spratt, ao ver cães revirando lixo em Londres, teve a ideia de produzir biscoitos caninos de carne por volta de 1860 e, dez anos depois, passou a vender os seus produtos nos Estados Unidos. Até então, os animais comiam restos das mesas de seus donos, mas a indústria criou a necessidade do seu produto usando uma publicidade ofensiva que veiculava a qualidade da alimentação especializada.

Atualmente, as marcas de ração apostam nos subsegmentos desse mercado, assim vemos, nas prateleiras de Pet Shops produtos destinados a filhotes e adultos, apropriados para raças de pequeno, médio ou grande porte, castrados, alérgicos, com distúrbios renais e para cães com paladares exigentes – a marca Tutano, por exemplo, oferece uma ração para cães sensíveis, que promete diminuir o risco de alergias. A publicidade, por sua vez, anuncia rações recomendadas por criadores e especialistas, além de escolhidas pelos próprios animais em uma encenação de teste cego.

Um segmento importante da indústria de alimentos para animais de estimação é o chamado Premium ou especial. São as comidas de etapas da vida, que possuem fórmula especial para animais novos ou “seniores”, e também as comidas dietéticas. As comidas para diferentes fases da vida ou dietéticas chegam a custar o dobro das normais, mas isto não impede que os donos as comprem, pelo contrário, comida Premium para

animais de estimação é o mercado que mais rápido cresce nessa indústria. (Kulik, 2009, p.486-487). Conforme uma tutora, entrevistada acerca de outra pesquisa das autoras, sua maior conquista profissional foi obter um emprego que lhe permitia comprar a ração Royal Canin para seu cão, alimento, que para ela seria “a melhor ração existente no mercado brasileiro”.

Tais quais os produtos destinados a humanos, os produtos rotulados com selos diet e light trazem um diferencial de classe: são, sem dúvida mais caros e “todos nós sabemos que a obesidade, no mundo ocidental pelo menos, é predominante entre pessoas mais pobres”. (KULIK, 2009, p. 496).

Ao consultar o site PetLove que vende produtos destinados a animais, comparamos os pacotes de rações caninas: um pacote de ração Pedigree de 20 quilos, um pacote de 15 quilos da ração Golden adultos especial, um pacote de 10 quilos da ração Royal Canin para tratamento de obesidade. A primeira tinha um custo de 8 reais e 19 centavos por quilo, a segunda custava 6 reais e 84 centavos por quilo, a terceira requeria um investimento de 27 reais e 72 centavos por quilo.

Segundo Silva (2012, p.216), “a cultura fitness revela um fascínio sobre belos corpos e, ao elegê-los como símbolos da saúde - expressão máxima do autocontrole, da disciplina e do empenho -, posiciona a margem aqueles outros não tão belos, não tão magros e não tão jovens”. A alimentação, aliada aos exercícios, são fundamentais na cultura *fitness*, uma vez que são os elementos que permitirão construir o corpo desejado. E os animais são inseridos nessa ordem.

Não apenas eles são humanizados por meio de práticas de consumo e indulgência que tipifica os sujeitos do capitalismo tardio como, de forma crucial, eles são também humanizados por se tornarem simultaneamente enredados naquela grande assembleia sujeitadora conhecida como a indústria da saúde-beleza-bom formato, que segura todos nós, os humanos, firmemente em sua garra e a cujo olhar fixo de desaprovação todos nós inevitavelmente nos ajustamos. (KULIK, 2009, p.501).

Uma das rações específicas para tratamento de obesidade em gatos vem com a indicação específica: para gatos em ambientes internos. Essa indicação significa que gatos que vivem presos em casas e apartamentos tem pouca atividade física e podem se tornar obesos. A indicação para o sedentarismo praticamente imposto ao bicho é a restrição de calorias. Além disso, o benefício para os humanos também é critério de persuasão: a ração diminui odores de fezes. Uma indicação especista, pois não há, em se tratando de comida humana, nenhuma publicidade que defenda a diminuição dos odores das fezes.



#### 4. 2- Padaria e livro de receita

O crescimento do nicho *gourmet* no mundo contemporâneo evidencia determinadas práticas hedonistas e de refinamento que servem como símbolos de *status*, mas também como possibilidade de ter determinadas experiências, o que caracteriza o consumidor hipermoderno, mais afeito a experimentação que à exibição, segundo Lipovestky (2007). O tutor parece dar ao seu *pet* ao estatuto de consumidor hipermoderno, promovendo a ele as possibilidades de experiência gastronômicas.

Segundo Ofray (1999), é preciso algumas qualidades para a prática hedonista, tais como profundidade, escolha, reflexão e sensualidade. Cães têm essas qualidades? O que significa a oferta de sonhos, panetones, bolos de carne em embalagens cuidadosamente preparadas e com confeitaria esteticamente sofisticada?

Para entender um pouco desse fenômeno, analisamos a Dog Bakery, a primeira padaria do Brasil, aberta em 2001, especializada no público canino. O proprietário, Naelson Santos, concedeu uma entrevista à Revista Meu Pet.

Segundo o entrevistado, os ingredientes dos quitutes são específicos, pois os cães “não podem comer de tudo. Por exemplo, usamos farinhas e essências sob controle e não utilizamos conservantes nem açúcar, porque são prejudiciais à saúde deles.” Curiosamente, podemos perguntar se conservantes e açúcar também não prejudicam os humanos e as padarias humanas abusam desses ingredientes.

Acerca da reação de donos e cães na padaria, Naelson explica que os cães “ficam loucos, farejam muito e, se a gente deixar, querem provar tudo. Outros são mais desconfiados, mas, quando oferecemos um salgado ou

um doce para degustação, eles rapidamente se rendem.” A ideia de um cão experimentar a comida, degustá-la, prová-la, certamente aproxima a espécie da humana, especialmente porque o comportamento convencional de um cão diante de um alimento que gosta muito é consumi-lo imediatamente. Os donos, por sua vez, também acabam pedindo para provar, mesmo não sendo sabores típicos às convenções de paladar humano. No entanto, em se tratando desse tipo de consumo, o proprietário desfecha: “Algumas pessoas não gostam, mas quem decide, no fim das contas, é o cão.”

Neste ponto, volta-se a dimensão do gosto na decisão de consumo e do gosto, não do dono, mas do cão, ainda que, por vezes, os paladares humanos sirvam como referência, uma vez que é frequente os donos experimentarem os petiscos dos *pets*, inserindo os mesmos na dimensão cultural que caracteriza a construção social do gosto. No entanto, esse gosto não é completamente livre de outros determinantes, uma vez que a saúde é um capital altamente valorizado no mundo hipermoderno. (Lipovestky, 2007). Assim, o prazer de comer, com olhos e boca, ao estilo *gourmet*, une-se a preocupação com alimentação saudável.

Na descrição do site de outra empresa do ramo a Pupcake Dog Bakery, que só tem loja virtual, consta:

Pupcake Dog Bakery - Padaria e Festas para Cachorros Comemore o aniversário do seu cachorro com bolo, biscoitos, lembrancinhas, petiscos e muita festa! Alimentação natural, funcional e saudável para cães e humanos. Enviamos para todo o Brasil. Produtos feitos com ingredientes naturais, frutas e legumes frescos e farinha integral orgânica. Adoçados com mel, sem açúcar, sem corantes e sem conservantes.

Dentre os produtos ofertados, temos biscoitos, bolos, muffins e marmitinhas personalizadas que foram produzidas para serem servidas como “lembrancinha” de aniversário:

Uma linda e deliciosa lembrancinha para os cães da festa! São 50 gramas de biscoito de aveia e mel envoltos em papel colorido, dentro de uma marmitinha de alumínio.  
A tampa é personalizada com a foto do seu cãozinho.  
Em três formatos diferentes, escolha o que mais combina com a festa!  
Todos os produtos são adoçados com mel, sem adição de açúcar, sódio, corantes, conservantes e ração animal.  
Saudáveis, funcionais e feitos com ingredientes naturais, podem ser consumidos por toda a família!  
Validade: 30 dias.

Ressaltamos que a comida servida na “marmitinha” não contém ração animal embora seja feita pensando nos animais e principalmente, destacamos que os biscoitos “podem ser consumidos por toda a família”, o que dimensiona, através da comensalidade, a constituição da família multiespécie como uma das características da cultura contemporânea.

Cães não comem mais sobras humanas, mas seus tutores podem comer – e mesmo gostar – dos biscoitos que eles já não quiserem mais.

#### 4.3 – Veganismo

Outro produto destinado a *pets* que chamou nossa atenção é a ração vegetal. No Brasil, a Fridog é a única ração vegetal para cães, sem “ovos, leite, carnes ou vísceras de animais, inclusive peixe e derivados” e é “Enriquecida com Ômega 3 e Ômega 6 (proveniente de fontes vegetais), garante saúde à pele, pelos sedosos e brilhantes.”<sup>4</sup>

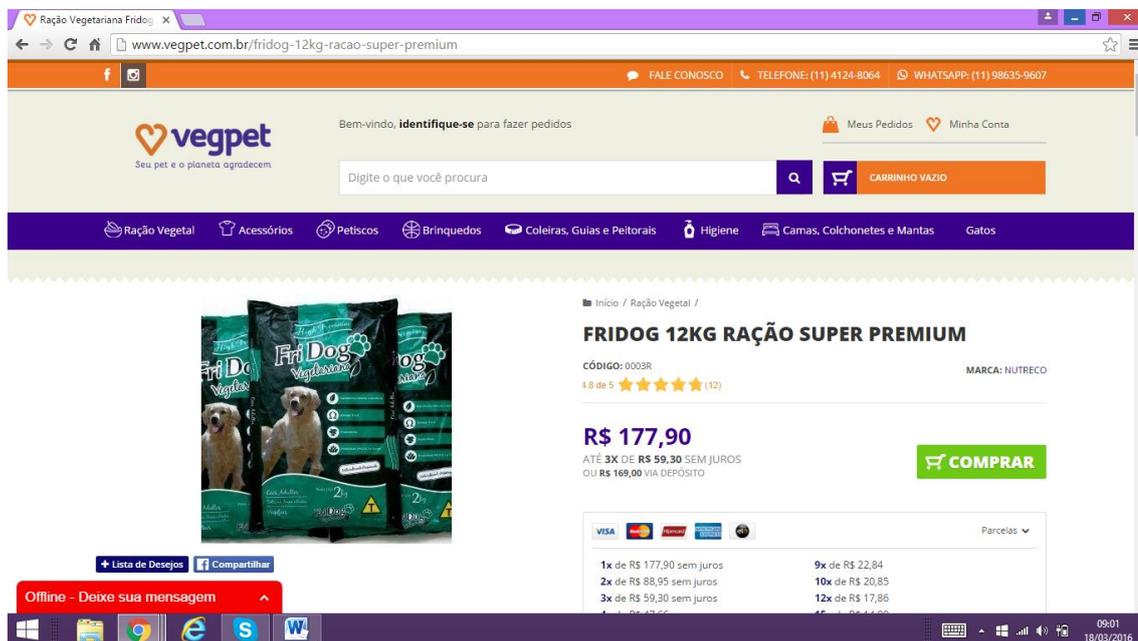


Figura 1. Imagem extraída do site.

O veganismo, enquanto estilo de vida ou ativismo, encontra na abolição do consumo de produtos que tenham gerado dor ou morte a animais. Em termos dietéticos, isso significa a adoção de uma alimentação estritamente vegetal, o que independe de crenças nutricionais, uma vez que essa decisão de consumo é baseada em critérios éticos. Mas, se veganos podem tutelar animais, o que lhes oferecer como alimento? Veganos enfrentam a decisão entre comprar carne (in natura ou em forma de ração) para seu cachorro ou gato ou impor aos mesmos uma dieta vegana baseada em valores morais.

Singer (2010, p.110) afirma que o especismo “(...) é o preconceito ou atitude tendenciosa de alguém a favor dos interesses de membros da própria espécie, contra os de outras”. Este argumento leva em conta as inúmeras práticas cotidianas que geram dolo aos animais, geralmente, tendo como única finalidade o prazer humano – entre elas alimentação e diversão. No entanto, não seria possível estender este conceito e refletir se a imposição de uma escolha moral humana a um animal de estimação não provocaria, também, uma situação de atitude tendenciosa que contraria o interesse da espécie em questão?

Uma vez mais, assistimos a inserção dos animais na esfera moral da sociedade, no caso, quando é um fundamento moral – ainda que imposto – que vai determinar sua dieta, cada vez mais distante dos determinantes biológicos.

<sup>4</sup> As informações referentes à ração Fridog foram extraídas do site [www.vegpets.com.br](http://www.vegpets.com.br).

## 5 – Conclusões

O estudo da alimentação do ponto de vista cultural tem abordado os animais não humanos, na maioria das vezes, tão somente quando são transformados em produtos para alimentação humana. No entanto, assistimos a transformação da alimentação dos animais que convivem com humanos a partir de vários elementos sociais, econômicos e culturais que trazem à tona a necessidade de analisar os símbolos e sentidos ocultos na comida ofertada aos *pets*.

De um lado, temos os determinantes biológicos que classificam os animais entre herbívoros, onívoros e carnívoros. Em se tratando de animais humanos, apesar da discussão biológica ter alguma importância diante dos debates entre os que adotam uma dieta livre de carne e os que a consomem, vemos que a biologia é, em termos motivacionais para adoção e permanência em determinada dieta, inferior às motivações éticas ou relacionadas às crenças de saudabilidade.

Atualmente, em uma sociedade complexa e fragmentada, há inúmeras possibilidades dietéticas fundadas nas mais diferentes práticas e vertentes teóricas e o consumo alimentar tem se tornado um campo de batalhas que envolve questões morais, políticas, econômicas e ambientais.

Os *pets* já não caçam, já não procuram por sua própria comida, dividem a cama e a mesa com seus tutores, comem em pratos, recebem bolos de aniversário, partilham marmitinhas de biscoitos e adotam dietas eticamente orientadas. Os modos de alimentar os animais de estimação refletem que para os humanos, os bichos estimados estão inseridos numa esfera diferenciada em que algumas preocupações antes pertinentes apenas para seus semelhantes passam a ser-lhes devidas. São elas a necessidade de demonstrar afeto por meio de ações de consumo bem como a noção de que o ato de alimentar aquele animal envolve não só carinho mas também responsabilidade – daí, a busca por dietas saudáveis, que supostamente melhorariam a qualidade de vida do animal. A partir desse espectro, vemos que as fronteiras se movem e o animal é aproximado do humano, sendo alimentado com a mesma “qualidade” que se ofereceria a qualquer outro membro amado da família.

No entanto, essas mesmas atitudes abrem espaço para se pensar numa forte separação entre animais e humanos, uma vez que a dieta é totalmente imposta aos *pets*, afinal, eles até podem escolher o que vão comer, mas o leque disponível para a escolha é feito pelo tutor e a ele cabe a decisão última. A alimentação, assim, é um dos espectros em que fica mais clara a dualidade no tratamento dado aos animais de estimação: por um lado são crianças que recebem os maiores mimos, por outro são eternos prisioneiros deste afeto, tornando-se bebês perpétuos, que tem cada passo de suas vidas regulados – começando pelo confinamento nos lares humanos, passando pelo controle dos ciclos de reprodução por meio da castração e chegando até a antropomorfização, com a adoção de hábitos humanos, como o uso de roupas e a oferta de dietas eticamente orientadas, como é o caso da ração vegetariana.

## Referências

- ABINPET. Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação. *Setor Pet chega a R\$ 18 bilhões em 2015, mas não sem os efeitos da crise*. São Paulo, SP, 2016. Disponível em: <<http://abinpet.org.br/site/setor-pet-chega-a-r-18-bilhoes-em-2015-mas-nao-sem-os-efeitos-da-crise/>>. Acesso em: 25 set. 2016.
- BAPTISTELLA, Eveline. *Animas e fronteiras: entre espécies, ciências e cotidiano*. Dissertação em Estudos de Cultura Contemporânea. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 2015.
- BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. *Ministério anuncia a criação de cadeia produtiva pet*. Brasília, DF, 2012.
- CAMPBELL, C. “Eu compro, logo sei que existo: as bases metafísicas do consumo moderno”, in L. Barbosa e C. Campbell (orgs.), *Cultura, consumo e identidade*. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 2006.
- CARCIOFI, Aulus; PONTIERI, Roberto; FERREIRA, Cristiana; PRADA, Flávio. Avaliação de dietas com diferentes fontes protéicas para cães adultos. *R. Bras. Zootec.*, v.35, n.3, p.754-760, 2006
- DRISCOLL, Carlos; CLUTTON-BROCK, Juliet; KITCHENER, Andrew; O'BRIEN, Stephen. A longa e incompleta domesticação do gato. *Scientific American*, Segmento, n.86, p.71-74, 2009.
- FERRY, Luc. *A nova ordem ecológica: a árvore, o animal e o homem*. Rio de Janeiro: Difel, 2009.
- HARE, Brian; WOODS, Vanessa. *Seu cachorro é um gênio: como os cães são mais inteligentes do que se pensa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2012.
- HOBGOOD-OSTER, Laura. *A dog's history of the world: canines and the domestication of humans*. Waco: Baylor University Press, 2014.
- INGOLD, Tim. *The Perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. Londres: Routledge, 2000
- JORGE, Rodrigo da Silva Pinto. *Caracterização do estado sanitário dos carnívoros selvagens da RPPN SESC Pantanal e de animais domésticos da região*. 2008. 105 f. Tese (Doutorado) - Curso de Epidemiologia Experimental e Aplicada às Zoonoses, Departamento de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Animal, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/10/10134/tde-28052008-104047/en.php>>. Acesso em: 25 mar. 2016.
- KOLBERT, Elizabeth. *Sexta Extinção: uma história não natural*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.
- KULIK, Don. Animais Gordos e a dissolução da fronteira entre as espécies. *MANA* 15(2): 481-508, 2009
- PAIS, José Machado (2006). *Nos rastros da solidão: deambulações sociológicas*. Lisboa: Ambar.
- PAIS, José Machado (2003). *Sociologia da vida cotidiana. Teorias, métodos e estudos de caso*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- POLLAN, Michael. *O dilema do onívoro: uma história natural de quatro refeições*. Rio de Janeiro, Intrínseca, 2007.
- RITTO, C; ALVARENGA, B. A casa agora é deles. *Veja*, Abril, n. 2429, p. 71, 2015.

ROMANELLI, G. “O significado da alimentação na família: uma visão antropológica”. *Medicina*, Ribeirão Preto, 39 (3): 333-339, jul./set., 2006.

SAHD, L. *A mente do seu cachorro: tudo que você precisa saber para que seu amigo peludo tenha uma vida saudável e feliz*. São Paulo: Abril, 2015.

SINGER, Peter. *Libertação animal*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

WILSON, E.O. *A criação: como salvar a vida na Terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.